



‘Fronteiras’: África pela lente de 53 fotógrafos

Exposição. Até 28 de Agosto, na Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa

MARIA JOÃO CAETANO

Nascido em 1979, em Déou, no Burkina Faso, Saidou Dicko era um jovem pastor quando começou a desenhar inspirado nas sombras das ovelhas e dos campos. Quando teve a sua primeira máquina fotográfica, uma *polaroid*, Saidou manteve o seu olhar nas sombras – de homens, de mulheres, de crianças. Entretanto, já a morar no Senegal, expôs as suas obras pela primeira vez em 2006. Ainda pinta, mas foram as fotografias que o tornaram um artista reconhecido. Na exposição *Fronteiras*, que a Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa, inaugurou esta sexta-feira, Saidou Dicko mostra *Mosaico Mundo*, um painel de pequenas imagens que conta muitas histórias.

A mostra, comissariada por Michket Krifa e Laura Serani, foi a âncora dos novos Encontros de Bamako – Bienal Africana de Fotografia, realizados em 2009 em Bali, e chega a Lisboa integrada no programa *Próximo Futuro*. O comissário da exposição, António Pinto Ribeiro, não tem dúvidas de que esta “é a maior exposição de fotografia africana alguma vez apresentada em Portugal”. São mostrados trabalhos de 53 fotógrafos (dos quais dez são mulheres) oriundos de 23 países africanos, incluindo países do Norte, “uma parte do continente africano que habitualmente é excluído nas nossas representações de África”. Egipto,

Mali, Burkina Faso, África do Sul e Marrocos são os países mais representados.

No texto de apresentação, as comissárias explicam que “a questão das fronteiras é eminentemente actual e paradoxal num mundo onde, por um lado, se pratica o desaparecimento de fronteiras políticas e económicas e, por outro, são erigidos muros para as proteger”. Não admira, por isso, que algumas das imagens se centrem nas questões da viagem (por exemplo, o cais, o olhar para fora, como em Kader Attia) e do exílio (como em *Mapping Journey*, os vídeos muito

políticos de Bouchra Khalili) – a que se prendem também as imagens dos conflitos armados e dos campos de refugiados, a violência e a pobreza.

Mas, como lembra Pinto Ribeiro, as

fronteiras também se colocam entre classes, entre povos, entre realidades. As fronteiras são-no também entre nós e o outro – e é de sublinhar a abordagem a temas que ainda são tabu em muitas culturas africanas, como a homossexualidade (como o vídeo de Andrew Esiebo, ou a série *Miss D'vine* de Zanele Muholi), a questão dos gémeos ou dos albinos, a condição feminina (*Com Véu, Sem Véu*, de Majida Khattari). “Para mim, a fronteira resume-se a um interior e um exterior”, diz Tiécoura N’Daou (que aqui apresenta um vídeo). “O modo como falamos das fronteiras depende do facto de estarmos dentro ou fora do enquadramento.”

Exposição reúne obra de fotógrafos de 23 países africanos



‘Kivu’, de Alain Wandimoyi, República Democrática Congo